



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ELENA BINS LIVI

(depoimento)

2004

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias
Número da entrevista: E-73
Entrevistado: Elena Bins Livi
Nascimento: Não informado
Local da entrevista: ESEF/UFRGS
Entrevistadores: Karine Dalsin
Data da entrevista: 31/08/2004
Transcrição: Vicente Cabrera Calheiros
Conferência Fidelidade: Vicente Cabrera Calheiros
Copidesque: Marco de Carvalho
Pesquisa: Marco de Carvalho
Fitas: (01 fita) 73/01-A e 73/01-B
Total de gravação: 50 minutos
Páginas Digitadas: 19
Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel
Número de registro: 01943/2008/01
Número de registro da fita: 01943/2008/01
Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

LIVI, Elena Bins. *Elena Livi (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2008.

Sumário

Envolvimento com o vôlei; participação em clubes, campeonatos nacionais, internacionais; apoio da federação; participação como veterana; apoio da família; público; uniformes; visibilidade da mídia (jornal e rádio); vivência no atletismo, tênis; evolução do amadorismo para a profissionalização no vôlei; fatos pitorescos.

Porto Alegre, 31 de agosto de 2004. Entrevista com Elena Bins Livi, a cargo da entrevistadora Karine Dalsin para o projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

K.D. – Elena, eu gostaria que tu falasse um pouco da tua história de vida em relação ao esporte.

E.L. – Bom, eu comecei a praticar esporte muito cedo, porque o meu pai e a minha mãe eram esportistas. Comecei com a natação no GPA¹, Guaíba Porto Alegre, pois a gente nadava no rio e aí que eu comecei a praticar o esporte de competição. Então eu nadei uns quatro ou cinco anos e comecei com o tênis, que meu pai e minha mãe jogavam tênis. Comecei com tênis, mas não disputava, só jogava e depois que comecei... Aos quatorze anos eu comecei a jogar voleibol na praia de Pedra Redonda², na casa de amigos e dali uma das pessoas que moravam na casa, que eram esportistas, me convidaram para jogar na Sogipa³ e assim que eu comecei a minha carreira de voleibol.

K.D. – Tu te lembras, mais ou menos, quando é que tu fazias natação, foi anterior a isso?

E.L. – Foi. Eu fiz natação de 8 a 11 anos. Não eram nem mirim, porque naquela época a natação tinha uma qualificação diferente. Não era por idade, era por relação idade e peso. Eu era muito prejudicada, porque era muito menina, mas sempre fui muito grande. Então eu era prejudicada, tinha que nadar com meninas de 14, 15 anos e eu tinha de 8 a 10. Então meu pai achou que não era próprio para mim como esporte, por isso que eu parei de nadar.

K.D. – E como é que tu te afeiçoou mais pelo vôlei?

¹ Club de Regatas Guaíba-Porto Alegre - Em 28 de novembro de 1936, o Club de Regatas Porto Alegre (antigo Ruder-Club Porto Alegre) fundiu-se com o Club de Regatas Guaíba (antigo Ruder-Verein Germania), resultando o Club de Regatas Guaíba-Porto Alegre, o GPA. Manteve-se como data de fundação a do Ruder-Club Porto Alegre (21 de novembro de 1888) razão pela qual o GPA é considerado o clube de remo mais antigo do Brasil.

² Praia localizada no bairro Ipanema, na zona sul de Porto Alegre

³ Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

E.L. – Bom, porque quando eu cheguei à Sogipa, eu já jogava no... Aliás, antes de jogar na Sogipa, eu já jogava no colégio, [palavra inaudível] e tinha um time da aula e depois era o time do colégio que disputava, principalmente, na semana da pátria. E sempre tinha um problema, porque, na semana da pátria, jogavam as escolas e jogavam os clubes e sempre dava a mesma final, o meu colégio e a Sogipa. E nós jogávamos as seis na Sogipa. Então a gente jogava um ano pela Sogipa e um ano pelo colégio, por que como é que ia fazer? Também teve um fato muito interessante, porque, naquela época no colégio de freiras, os uniformes eram bem diferentes do que a gente jogava na Sogipa. A gente jogava com saia-calça até o joelho e, quando chegava na hora de defender a Sogipa, botava aquele short bem curtinho [risos]. Então era muito engraçado aquilo. Mas era muito interessante. Então eu já tinha esta amizade das gurias lá do colégio. Quando eu entrei na Sogipa, eu gostei muito do vôlei e me dei muito bem, era alta, já nesta altura, já era alta. Com 11 anos, eu tinha um metro e setenta e cinco. Na época eu era muito alta. Eu tinha bastante vantagem e me dei bem no esporte e foi só um pulo, para jogar na seleção brasileira e na seleção gaúcha.

K.D. – Esta questão do uniforme que era bastante diferente gerava algum comentário?

E.L. – Não. As primeiras irmãs lá... Elas ficavam assim um pouco assustadas, mas depois a gente explicou para elas que a gente não podia fazer, que a gente disputava pela Sogipa campeonatos da cidade, campeonato estadual e tudo e jogava com aquele uniforme. Como é que a gente ia fazer? Então elas aceitavam já naquele tempo, a pesar de tudo, elas aceitavam.

K.D. – Tu te recordas quais foram as primeiras equipes de vôlei feminino que tinha em Porto Alegre⁴?

E.L. – Tinha o Inca, que era a ACM⁵, a Sociedade Navegantes São João⁶ e a Sogipa. Eram só três times.

⁴ Capital do Estado do Rio Grande do Sul

⁵ Associação Cristã de Moços, fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901.

⁶ Sociedade Ginástica Navegantes-São João - Em 1907 foi fundada a Sociedade de Tiro Navegantes que, posteriormente, se transformou no Sport Club Navegantes. Esse clube foi,

K.D. – Quando tu entraste na Sogipa, a Sogipa tinha time?

E.L. – Já. Já tinha time. Até elas depois continuaram como veteranas e coisa. Aí entrou a turma jovem, mas já tinha time, não sei se disputavam algum campeonato, porque eu nunca estava lá, não sabia. E a gente jogava na sede da Alberto Bins, jogava no salão de baile, era a quadra, era no salão de baile.

K.D. – E no Bom Conselho⁷, quem é que te ensinava vôlei?

E.L. – Lá era o professor George Black, que era o professor de educação física da escola. Ele que nos treinava.

K.D. – Questão de competições, que competições tinham neste início do voleibol em Porto Alegre?

E.L. – Bom, tinha o campeonato da cidade, o campeonato citadino era o único que tinha. Acho que no segundo ano eu já jogava na Sogipa. Aí já foram... Teve campeonato brasileiro, eu não me lembro assim qual foi o campeonato brasileiro. Eu fui convocada pela seleção gaúcha, na época o técnico era o José Wainer Vianna, ele que era o técnico da seleção. Nós fomos disputar campeonato em São Paulo⁸, disputamos campeonato no Rio⁹ e voltamos depois, no outro ano seguinte, para São Paulo. Daí eram todos os anos. Campeonato brasileiro era todos os anos, e nós, as gaúchas aqui, infelizmente, sempre tiravam o terceiro lugar. Para nós, o terceiro lugar era primeiro, porque era São Paulo e Rio. Rio e São Paulo e as gaúchas. E mineiras sempre atrás de nós. Eram os quatro times também só que jogavam o campeonato brasileiro. Depois em 51 mudou um pouco o vôlei, mudou um pouco a regra do vôlei. Começou a ser melhor de cinco, que até então era melhor de três, e ainda se jogava 4-2, mas mudou que a gente podia fazer a rotação. É difícil explicar, a gente saía da entrada da rede e passava para o outro lado, passava para o meio, cortava no meio, porque a levantadora... A rotação era feita bem certinha. Mas aí em

posteriormente, incorporado à Sociedade Ginástica Navegantes-São João, fundada em 06 de junho de 1927.

⁷ Colégio Bom Conselho

⁸ Estado Brasileiro

⁹ Rio de Janeiro, Estado Brasileiro

51, nesse campeonato brasileiro, a regra mudou e então a cortadora podia passar até o outro lado, mas tinha, como hoje com a regra, a bola tinha que ter passado da rede para poder ir lá. E melhor de cinco. Então foi um campeonato brasileiro muito disputado e muito cansativo, para mim principalmente, que cortava em todas as posições, mas me valeu a convocação para o selecionado brasileiro, para jogar o primeiro sul-americano de voleibol, tanto masculino como feminino. Isso aí eu tenho a honra de ter participado, de ter vencido.

K.D. - Quando foi isso?

E.L. – Em 1951.

K.D. – E foi realizado aonde?

E.L. – No Rio de Janeiro. Foi um *sucesso* o campeonato, tanto de frequência de público, como de jogos. Os masculinos, os jogos eram mais parelhos, nós do feminino, era bem mais fácil. Era Argentina, Uruguai, Peru e Brasil. Naquela época o Peru não era nada, depois teve uma fase que o Peru ganhava sempre do Brasil. Foi muito, para nós do feminino, foi muito fácil. Nós estávamos assim bem um passo a frente delas, mas foi emocionante por ser o primeiro. Teve até uma convocação para fazer um campeonato mundial, porque ia ter um campeonato mundial que também seria o primeiro, na Rússia. Lá já estava bem adiantado o voleibol, mas depois morreu, não se falou mais, nem sei se saiu este campeonato, não sei dizer.

K.D. – Dentre as mudanças do vôlei, a questão da manchete...

E.L. – É, não tinha manchete. Até a gente podia conduzir a bola, mesmo de baixo para cima, podia conduzir. Os dois toques sempre existiu, mesmo na nossa época. Mas as defesas eram assim feitas de... A gente fazia mais um movimento de concha, porque a gente podia conduzir a bola, era muito mais fácil. A gente conseguia defender melhor. Eu cheguei a pegar a manchete, mas no fim, aí foi quando eu, decididamente, eu parei de jogar voleibol. Foi quando mudou, aí também eu já estava noiva e já estava influenciando outras coisas. Então eu parei de jogar. E aqui também no Rio Grande do Sul, nós tínhamos uns torneios

internacionais, que vinha argentinos, uruguaios e a Argentina geralmente vinha com dois, três times, os uruguaios vinham com um só. Eram realizados lá na ACM, na quadra da ACM e jogava a Sogipa, jogava a ACM, não era uma seleção, eram times, clubes e era muito interessante estes torneios. Depois fomos para lá também jogar. Fomos em Rosário, na Argentina, jogar. Retribuir a visita também muito interessante, até as viagens e tudo a gente ia de trem, era muito interessante. Eu passei muita coisa interessante, para ir a São Paulo a gente ia de trem, ou então uma vez fomos em avião da FAB¹⁰ e era uma avião pára-quadista, a gente sentava de lado, então era muito interessante.

K.D. – A FAB apoiava?

E.L. – É a FAB dava o transporte, a gente ia na FAB e no trem era barato mesmo, três dias a gente levava para chegar em São Paulo.

K.D. – E quem arcava com estes custos?

E.L. – A Federação daqui, a Federação Atlética Riograndense¹¹, não era federação separada do voleibol, como a CBD, Confederação Brasileira de Desportos, não tinha todas as diferenciações como tem hoje.

K.D. – E depois em 54 teve a federação, a fundação da federação?

E.L. – É, aí eu já não jogava mais.

K.D. – Tu paraste?

E.L. – Parei de jogar, aí depois comecei a jogar de novo, depois que eu tive os filhos. A gente fez um grupo de casais. Teve o centenário da Sogipa, a gente jogou no centenário da Sogipa. Nós jogávamos num grupo de senhoras, jogava quartas-feiras de manhã na Leopoldina Juvenil¹², para praticar esporte, levávamos os filhos para o colégio e do colégio

¹⁰ Força Aérea Brasileira

¹¹ Federação Atlética Riograndense (FARG), fundada em 06 de fevereiro de 1925.

¹² Associação Leopoldina Juvenil - Clube Recreio Juvenil, fundado em 1863. Em 1941 funde-se ao Sociedade Leopoldina Porto-Alegre formando a Associação Leopoldina Juvenil.

ia para lá, ficava jogando. Depois saía e pegava os meninos de volta e a Sogipa soube que a gente tinha este timezinho lá no Leopoldina e aí mandou um ofício para o clube, convidando oficialmente para a gente disputar o torneio do centenário. Aí vieram dois times de Santa Cruz¹³, dois times da Sogipa e o nosso da Leopoldina Juvenil. Foi muito complicado para arrumar seis que pudessem jogar pelo menos, mais ou menos, porque a gente jogava como brincadeira. A maioria não sabia jogar, era só para estar lá no esporte ao ar livre. E nosso técnico foi meu marido Saul¹⁴, que jogava vôlei também, jogava no IPA¹⁵, então ele foi nosso técnico. E aí começou os jogos entre casais, porque para nós treinarmos alguma coisa, nós tivemos que jogar contra os nossos maridos. Então a gente podia treinar um pouco melhor e outra coisa muito interessante, foi que... “Ah e agora? Nós temos que ter um uniforme”, mas aí tudo por nossa conta, na Leopoldina, e então a gente botou um shorts branquinho e as blusas eram todas iguais, mas cada uma de uma cor. Ficou muito bonito. Então, quando nós chegamos na Sogipa para jogar, disputar o torneio, foi um sucesso, mas a Sogipa ficou um pouco decepcionada, porque eles fizeram este torneio, claro, para elas poderem ganhar, porque era a Sogipa, centenário, não sei o que, mas nós é que ganhamos. A Leopoldina que ganhou o torneio e as reportagens dos jornais foram muito bonitas, da folha da tarde¹⁶ na época: “Marido e filhos torcendo para as mães.” Era muito bonita a reportagem, porque era uma coisa bem diferente.

K.D. – No caso era um torneio de veteranas?

E.L. – É, não tinha assim um limite de idade, mas eram claro, pessoas que já não estavam mais disputando campeonatos, eram veteranas, eram.

K.D. – E por que em geral estas mulheres consideradas veteranas eram casadas?

E.L. – É. Na época não se falava assim em idade, eram jogadoras que já não disputavam mais campeonatos e que a maioria eram casadas e com isso houve este entusiasmo. Então a gente jogou anos, a gente jogava. Nós tínhamos um grupo enorme, às vezes de três, quatro

¹³ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

¹⁴ Nome sujeito a confirmação

¹⁵ Instituto Porto Alegrense – Rede Metodista de Educação do Sul

¹⁶ Jornal de circulação de Porto Alegre, vinculado ao grupo Caldas Júnior

times, entre casais. A gente jogava de noite, alugava uma quadra e jogava, foi muito interessante.

K.D. – Era normal que as mulheres quando casassem se afastassem da competição?

E.L. – Na minha época era, depois mais adiante não. Mas, quando eu jogava para disputar e coisa, todo mundo era solteiro.

K.D. – Inclusive eu percebo nas fotos que vocês não usavam joelheiras.

E.L. – Não, mas a gente se jogava no chão! Eu tinha bastante marcas nos joelhos, porque as quadras também não eram assim tão profissionais como são hoje. Nós, na Sogipa, treinávamos no salão de baile que era de ‘parquê’ e, quando, às vezes, não dava para treinar, porque tinha alguma festividade ou tinha ginástica em aparelhos, que era também feita no salão, a gente ia jogar na quadra de cimento, que era ao ar livre. Então tinha bastante dificuldade. Claro, quando a gente ia jogar um brasileiro ou um sul-americano, as quadras eram mais... Mas ninguém usava joelheira.

K.D. – Talvez seja uma pergunta ingênua, mas porque ninguém usava joelheira?

E.L. – Pois é, porque, não sei. Acho que... Nem sei dizer porque.

K.D. – A tua família apoiava?

E.L. – Apoiava! Todo apoio possível e impossível meu pai e minha mãe me davam. E meu pai ia sempre aos jogos, torcia bastante. A minha mãe ficava muito nervosa, então não ia, mas eu tive todo apoio. Viajei, conheci o Brasil inteiro, a América do Sul, tudo com o voleibol e com tênis e eles sempre deram apoio. Era um pouco difícil esta situação porque eu sempre fui a mais moça do grupo. Me lembro uma vez quando nós fomos a Buenos Aires¹⁷ jogar, o nosso técnico, que era o Viana, a esposa dele ia junto para acompanhar as moças, e eu tive que pedir licença escrita para sair do país. Claro, eu era menor. Mas os pais sempre apoiando.

K.D. – E tinha bastante público assistindo?

E.L. – Muito, muito público, era muito interessante. Não sei se porque todo mundo moças, todo mundo bonitinha, então tinha bastante público. Os campeonatos brasileiros também tinham muito público e o sul-americano foi um sucesso total. Teve confusão até para entrar porque estava cheio e tinha gente querendo entrar, porque foi bastante divulgado, por ser o primeiro, então era curiosidade.

K.D. – Pode me falar mais das competições, que eu tenho curiosidade de saber como elas eram.

E.L. – A gente... Todo mundo se conhecia, porque, todos os anos, tinha esse campeonato brasileiro, claro que havia renovação, mas não era tanto assim a renovação. Então a gente acabava, todo mundo, sendo amigo, não tinha aquela rivalidade de São Paulo, Rio em relação ao Rio Grande do Sul. Então era muito bom, muito interessante. Os torneios eram bem disputados, porque os resultados... Quando começou este último em 1951, que era melhor de cinco, ficou muito disputado. Porque as cariocas e as paulistas ganhavam sempre, ou uma ou outra, mas ali na beradinha. Não é que elas chegassem lá e bom, três a zero. Não, nunca. Sempre três a dois, mas não conseguimos nunca ganhar. É uma pena, nós tínhamos um time bom.

K.D. – Quantas atletas no time?

E.L. – Quando viajávamos, viajávamos com dez, mas era muito bom.

K.D. – Dez atletas, treinador...

E.L. – Eram dez atletas e o treinador. Não tinha preparador físico, a gente não fazia nada, a gente chegava, botava o uniforme e entrava na quadra [risos].

K.D. – Pois é, como era o treinamento de vocês?

¹⁷ Capital da Argentina

E.L. - O treinamento geralmente tinha o time considerado titular e que jogava contra o outro time, que era o segundo time, porque se fosse misturar, não dava conjunto e nessa época... Se bem que hoje também é importante o conjunto, mas naquela época era bem mais o conjunto. Então tinha que treinar assim e a gente treinava assim deste jeito, entrava, chegava no clube, botava o uniforme e ia treinar sem nada, nem fazer um mínimo de exercício.

K.D. – E um auxílio financeiro para jogar?

E.L. – Nada, quando era campeonato brasileiro ou as viagens para o exterior, a federação pagava, a gente não tinha nenhuma despesa, hotel também, tudo a federação pagava.

K.D. – E a questão de freqüentar bastante o clube, ter o treinamento ali, defender a camiseta do clube, acabava fazendo com que vocês tivessem a vida social de vocês vinculada ao clube?

E.L. – Eu não sei se as outras faziam, mas eu acho que não também, era completamente diferenciado, a gente ia para lá para jogar vôlei, para treinar e pronto.

K.D. - E tu nos falaste dos uniformes do Bom Conselho e da Sogipa e depois foi passando o tempo, os uniformes sofreram alguma mudança com o tempo?

E.L. – Não, desde que eu comecei a jogar na Sogipa, era aquele calção, mas bem curto, com elástico na perna, mas ficava bem curto e depois quando era federação, selecionado gaúcho, aí era um shorts, bem bonitinho, bem apertadinho. Era bem sexy o shorts, tanto dos campeonatos gaúchos, como do selecionado brasileiro. Talvez por isso também tanta assistência, tanta gente olhando o vôlei [risos].

K.D. – E isso não chegava a gerar algum incômodo por parte das famílias de alguma atleta ou namorados de alguma atleta?

E.L. – Não. Porque, mesmo na seleção gaúcha, já tínhamos jogadoras que namoravam e não tinha problema nenhum e a gente ficava sabendo das outras também. Como eu te disse,

a gente era muito amiga, não tinha problema, porque a carioca sempre foi muito mais aberta e as paulistas, elas já estavam começando a se profissionalizar em 1951. Quer dizer que então já não tinha mais este impacto.

K.D. – Vocês ganhavam o uniforme?

E.L. – Ganhávamos. O tênis não. Ganhávamos o shorts e a blusa.

K.D. – Tu te recordas de outras modalidades que as mulheres praticavam, outras modalidades esportivas que as mulheres praticavam?

E.L. – Sim, praticavam atletismo, natação, tênis. Começou no Rio Grande do Sul, acho em 1950, o basquete feminino, mas assim muito devagar e acho que nem foi para diante. Depois, bem mais adiante, aí sim, mas na época não.

K.D. – Dentro dos esportes coletivos, o primeiro que as moças se afeiçoaram, foi o voleibol?

E.L. – Ah foi, nem tem dúvida.

K.D. – Tem idéia de por que isso?

E.L. – Não sei, não. Não sei te dizer como foi a minha entrada no voleibol, foi tão estranha. Porque a gente, quando estava ali na Pedra Redonda jogando, era na casa de amigos, eles tinham uma quadra, era de areia, dentro do jardim. Eu era uma menina e eles eram todos adultos e aí eles tinham... Me ensinaram alguma coisa “é assim que tem que fazer” e assim foi, até que um deles me levou para a Sogipa, viu que deu certo, eu tinha algum futuro. E aí me levou para a Sogipa.

K.D. – De alguma maneira o esporte teve influencia na tua carreira profissional, pessoal?

E.L. – Pessoal sim, porque eu conheci meu marido no esporte. Ele jogava vôlei e basquete no IPA, ele era estudante do IPA e eu jogava vôlei na Sogipa. Então a gente se conhecia [risos] através do esporte. Nos conhecemos através do esporte.

K.D. – Quando tinha estas convocações para seleções e tal, tua família te dava apoio para tu passares o tempo necessário fora?

E.L. – Sim, sem nenhum problema.

K.D. – Quando tu foste convocada para jogar o sul-americano, como é que foi o treinamento da seleção brasileira para disputar esta competição?

E.L. – Bom, aí teve uma trapalhada neste sul-americano que, quando terminou o campeonato brasileiro em julho, em São Paulo, veio a convocação. Depois do campeonato veio a convocação e eu fui convocada. Eu era a única aqui do Rio Grande do Sul convocada. E eu sabia que o campeonato ia ser na segunda quinzena de setembro, o sul-americano. Eu sabia que era no Rio, então fiquei aguardando. Quando começou a chegar mais perto, fiquei aguardando alguma resposta da CBD¹⁸ em relação a passagem ou saber se confirmava a convocação ou não. E aí se deu um fato muito interessante, a CBD mandou um telegrama para a Federação Atlética Riograndense, a FARG, no dia 7 de setembro, que a federação estava fechada, mas o jornalista Túlio De Rose foi lá na federação para fazer não sei o que, para buscar alguma coisa, ele tinha acesso e ele viu o telegrama. Aí ele telefonou para mim e falou “olha está aqui um telegrama no teu nome, deve ser a tua convocação”. Então dizia no telegrama que eu tinha que me apresentar até o dia 8 de setembro, no Rio para fazer parte da seleção brasileira. Aí meu pai se virou, pagou a passagem para mim, para ir, porque eles não mandaram nada, só disseram isso. Aí papai pagou a passagem e eu fui para lá e, quando eu cheguei lá, criei um problema para o técnico, porque ninguém pensava que eu ia chegar, então eu criei um problema. Eles estão já, praticamente, as doze colocadas e aí eu cheguei. Então teve um treino, dois treinos para ver a coisa e ele não teve condições de me deixar fora, até pela imprensa toda. Então teve que cortar uma mineira e a mineira quis se jogar do edifício do hotel onde nós estávamos hospedados. Ficou uma situação bem desagradável, mas depois também passou.

K.D. – Mas tu jogaste efetivamente o campeonato?

E.L. – Sim, eu joguei todo o campeonato, me saí muito bem [risos].

K.D. – Isso foi em 51?

E.L. – É 51.

K.D. – 52 teve um brasileiro em Porto Alegre, certo?

E. L. – É, mas aí eu não jogava mais. Eu parei de jogar logo em seguida. Fiz o sul-americano e parei. O que eu vou te dizer? Porque eu já namorava o Saul e aí mudou a regra. A regra mudou depois deste sul-americano, entrou a manchete, entrou o 5x1, quer dizer, mudou tudo aquilo. Eu já estava com data de casamento marcada, aí não joguei mais. Parei e eu achei que eu parei muito bem, porque eu parei no auge [risos].

K.D. – Me diz uma coisa, o brasileiro de 52 que teve em Porto Alegre, a Karin Suffert¹⁹ por exemplo, na entrevista dela disse que te assistiu jogar.

E.L. – Não, mas eu não joguei.

K.D. – Fato curioso.

E.L. – É.

K.D. – Então tem algum desencontro de informações.

E.L. – É.

K.D. – Tu falaste do jornalista Túlio De Rose, eu ouvi falar que ele era uma pessoa que incentivava bastante o esporte.

¹⁸ Confederação Brasileira de Desporto

¹⁹ Karin Ingrid Süffet de Cordal

E.L. – Ele incentivava demais o esporte, mas era assim uma coisa fantástica, ver a atitude dele nesta minha convocação aí, já dá para ver, e em todos os esportes ele era assim. Ele era super entusiasmado e um fã incondicional das seleções gaúchas dos outros esportes. É uma pessoa que botou o esporte para frente, que naquela época era amadorismo total e ele que botava entusiasmo, botava fogo, como se diz no esporte. Foi muito importante para o esporte do Rio Grande do Sul.

K.D. – De alguma maneira ele incentivava o esporte feminino ou...

E.L. – Não, era ambos o esporte, em geral. Ele era um entusiasta do esporte.

K.D. – E a mídia em geral os outros jornais, rádios, chegavam a...

E.L. – Sim.

K.D. – Fazer cobertura.

E.L. – Faziam cobertura, claro que, lá no sul-americano, muito mais. Me lembro, a cobertura não era assim transmissão do jogo, eles anunciavam o campeonato pela rádio, os outros jornais também e ficava mais ou menos nisso. Eu me lembro que, quando foi lá no sul-americano, quando me entrevistaram pela primeira vez, eu nunca tinha falado num microfone, foi uma coisa bem difícil para mim. Então aí sim, inclusive meu namorado na época foi para casa do papai e da mamãe, que tinha um rádio mais potente para poder... Porque transmitiram o jogo pela rádio. Então ele foi para lá, para a casa dos meus pais, para poder escutar a transmissão, era transmitido pelo rádio.

K.D. - A nível nacional?

E.L. – É, a nível nacional.

K.D. – Lembra que rádio foi?

E.L. – Deve ter sido a rádio Nacional ou rádio Globo não tinha, Rádio Nacional.

K.D. – Tu percebias naquela época algum incentivo para que as mulheres praticassem esporte?

E.L. – Não, não.

K.D. - E algum empecilho?

E.L. – Pois é, não sei se era alguma coisa, para homem, não sei, pode ser. Porque não era muito difundido o esporte feminino, o atletismo até que ainda era mais, a natação também, mas o vôlei, não. O basquete tu vês que nem deu! Foi só anos depois.

K.D. – Tu entrastes mais efetivamente no vôlei no final da década de 30, década de 40?

E.L. – Não, é na década de 40, porque eu nasci em 33.

K.D. - E saíste no inicio da década de 50?

E.L. – Isso.

K.D. – Da tua entrada no vôlei, até a tua saída teve alguma diferença no número de moças praticantes?

[FINAL DA FITA 73/01-A]

K.D. – Tu nos falava do aumento do número de moças.

E.L. – É, porque, nós na sogipa, só tínhamos praticamente dois times, às vezes não dava nem para ter dois times completos. Mas depois, mesmo antes do sul-americano e tudo, às vezes já tinha três, quatro times jogando. Então eu participei também de um campeonato brasileiro de atletismo, também foi uma coisa bem diferente, mas aí tinham bastante moças. Foi muito interessante.

K.D. – E concomitante a isso aumentou o número de competições também?

E.L. – Não, porque acho que os clubes aumentaram o número de jogadoras, mas não aumentou, não apareceu nem outro clube, então era só... A gente disputava contra o Navegantes São João²⁰ com dois times, contra o Inca com dois times, a Sogipa entrava com dois times, então era... Não apareceu outro time, mas muito mais gente jogando.

K.D. – Fala um pouquinho desta tua vivência no atletismo.

E.L. – Ah, foi nem sei porque, lá na Pedra Redonda, eu tinha... Nossos vizinhos de casa era a Érica Renner²¹ e ela foi uma grande atleta da Sogipa. Então ela sempre dizia assim: “Não sei porque tu vai jogar vôlei e não vai praticar atletismo, vou te levar um dia”. Aí depois... Porque a gente, lá na Pedra Redonda, só veraneava, passa janeiro, fevereiro, às vezes março e voltava para porto Alegre. Era só casa de verão e, quando chegou março, ela me convidou. Ela disse “vamos, eu vou lá na Sogipa treinar e eu vou te levar para tu ver lá o que tu acha, o que tu gostas”. E ela saltava em altura, aí eu comecei a saltar em altura e eu me dei bem no salto em altura. Teve um campeonato brasileiro que eu disputei. Mas também foi só isso. Não pratiquei mais. Não dava, era muita coisa, porque eu já estava jogando tênis, já estava jogando vôlei, quer dizer, não dá para abraçar o mundo com as pernas. E foi uma época muito boa, porque eu já não estudava mais, porque eu não cheguei a fazer faculdade e então para mim era um passatempo. Eu começava de manhã jogando tênis, jogava, às vezes ia nadar de tarde, fazia atletismo de tarde e jogava vôlei de noite, eu estava sempre ocupada [risos].

K.D. – Mas era comum esta falta de especialização?

E.L. – Ah, sim. Todo mundo fazia tudo que vinha pela frente, porque era amadorismo total e só praticava esporte quem gostava mesmo, quem tinha alguma coisa por causa da família ou de um amigo. Porque assim, “olha, vai praticar esporte no colégio”. Por exemplo, o professor George Black²², era uma pessoa extraordinária, porque o pai dele trouxe o escotismo para o Brasil da Alemanha. Então aquilo já estava assim na família, de ter

²⁰ Sociedade Ginástica Navegantes-São João - Em 1907 foi fundada a Sociedade de Tiro Navegantes que, posteriormente, se transformou no Sport Club Navegantes. Esse clube foi, posteriormente, incorporado à Sociedade Ginástica Navegantes-São João, fundada em 06 de junho de 1927.

²¹ Nome sujeito a confirmação

esporte. E a gente lá no colégio, a pesar de ser colégio de freiras, a gente tinha competições internas de atletismo, saltava em altura, saltava em distância, corria, fazia revezamento, jogava vôlei, quer dizer, colégio totalmente feminino. Hoje é misto, mas na época era só feminino. Mas não disputava nada fora, só o voleibol. Voleibol tinha na semana da pátria este torneio.

K.D. – Pois é, sobre a semana da pátria, tinha mais algum outro torneio durante a semana da pátria?

E.L. – Tinha, porque ele era todo feito lá no estádio da Sogipa. Então tinham provas de atletismo, de voleibol, a gente jogava no campo, tinham várias quadras de vôlei dentro da gramado central. Eles montavam as quadras e a gente jogava ali, era uma festividade de 7 de setembro.

K.D. – E quem promovia?

E.L. – Governo eu acho, não sei. Aquele comodismo, naquele tempo era tudo amador, cada um ia por sua conta, chegava lá jogava, dava o recado e voltava para casa [risos].

K.D. – E a questão do tênis que tu praticaste também, tinha bastante moças que praticavam tênis?

E.L. – Não, a pesar de a mamãe jogar tênis desde o princípio, ela foi a primeira campeã gaúcha, a primeira campeã da cidade, ela foi campeã brasileira por equipe, mas não tinham muitas senhoras, porque aí eram mais senhoras. Eu me lembro quando eu jogava tênis, só tinha... Nós tínhamos três ou quatro moças só, o resto eram tudo senhoras que disputavam os torneios. E aí era tudo dividido em primeira classe, segunda classe, terceira classe, começava lá por baixo. Eu me lembro que eu joguei uma vez um torneio de tênis que nós éramos só três. Quando eu comecei na terceira classe, eram só três tenistas.

K.D. – Tu jogavas pela Sogipa?

²² Refere-se à Karl Black, filho de George Black

E.L. - Não, jogava pelo Moinhos de Vento²³. Era um clube que hoje a Leopoldina comprou, que era ali na Nova York²⁴. Eu jogava tênis por eles ali, a Sogipa não tinha tênis nesta época. Ah, tinha sim! Tinha lá no estádio da Sogipa, tinha sim.

K.D. – Jogava toda de branco?

E.L. - Toda de branco.

K.D. – Eu gostaria, se tu pudesse me falar um pouco das diferenças que tu vê do esporte de hoje com o esporte da tua época.

E.L. – Bom, eu acho que só o fato de profissionalizar, dá um avanço muito grande, porque a pessoa pode se dedicar exclusivamente ao esporte, então eu acho que é um impulso muito grande. E como os meus filhos também todos jogaram, a gente discute muito sobre o voleibol. Então eu sempre digo que eu devia ter nascido dez anos depois, porque aí eu ia pegar uma fase bem melhor no voleibol. Porque, naquela época, é como eu digo, era um amadorismo só, puro. Depois então é que a coisa começou a melhorar. Talvez eu tivesse melhores chances, a pesar de estar muito satisfeita por ter jogado um sul-americano, já era importante na época. Ainda eu era a única gaúcha, depois é que começaram a jogar os sul-americanos, depois teve mais gaúchas que se sobressaíram. Teve atletas até que foram para o Rio, que jogavam na Sogipa conosco e foram para o Rio. Convocadas pelo Flamengo, para jogar pelo Flamengo, Marina Selistre, saiu daqui da Sogipa. No brasileiro que a gente jogou, o Flamengo sondou e contratou e ela foi para lá para jogar pelo Flamengo.

K.D. - Isso em que ano mais ou menos?

E.L. – Isso deve ter sido em 48, 49, é. Foi um sucesso e ela joga até hoje lá no clube de veteranos do Flamengo.

K.D. – Pois é, tu comentaste durante a entrevista da questão que em São Paulo começava a se profissionalizar neste período e o Rio de Janeiro já estava também se profissionalizando.

²³ Tennis Club Walhalla de Porto Alegre, fundado em 1898, posteriormente denominado Moinhos de Vento Tênis Club e, finalmente, incorporado pela Associação Leopoldina Juvenil em 1977.

E.L. – Já. Tu vês que já estavam trazendo jogadoras daqui do sul e levando para lá.

K.D. – O que incluía esta profissionalização?

E.L. – Eu acho que pagavam hospedagem e uma ajuda de custo, porque esta minha amiga, era muito amiga, a Marina, ela não voltou mais, ficou lá.

K.D. – E as competições tendiam a serem realizadas lá também?

E.L. – É.

K.D. – Convocações?

E.L. – Sim. Porque era um centro maior, Rio, São Paulo, Minas²⁵. Aliás, até hoje continua assim, o Rio Grande do Sul sempre está um pouco esquecido.

K.D. – Bom Elena, só tenho a te agradecer pelo teu depoimento.

E.L. – A satisfação de poder ajudar.

K.D. – Espero poder contar contigo.

E.L. – É que agora eu não moro mais aqui, então fica tudo mais difícil. Já teve uma homenagem na Sogipa, uma vez não pude vir assim. Depois eu fui laureada na Sogipa, foi muito bonito. Aliás, a Sogipa sempre foi muito agradecida aos esportistas dela, porque lá na Sogipa, lá fora no estádio, tem uma placa com os laureados e está meu nome lá e eu me sinto muito orgulhosa. E tem meu filho mais moço, também foi laureado, também tem a placa lá. Então tem um fato muito interessante. Meu neto que joga tênis lá na Sogipa, está praticando muito bem o tênis, quando ele era menor, que ele ia lá com os amigos, ele ia mostrar todo orgulhoso, o nome do pai e da avó. E os amiguinhos não acreditavam, foi muito interessante [riso] e ele ficava frustrado, chegava em casa: “Mãe, os meus amigos

²⁴ Rua de Porto Alegre

²⁵ Minas Gerais, Estado Brasileiro

não acreditam que tem o pai e a vó lá no nome”. Quer dizer, a Sogipa sempre deu muito valor ao atleta.

K.D. – Esqueci de perguntar antes, tem alguma história ou alguma coisa que tu tenhas vivido durante o período que tu jogaste e competiste e tal que tu gostarias de contar, algum fato pitoresco.

E.L.- Fato pitoresco é mais relacionado ao conhecimento do meu marido, porque ele jogava no IPA vôlei e basquete, aí ele começou a jogar basquete na Sogipa e o treino do basquete masculino era depois do vôlei feminino, então ele sempre estava lá. E um dia eu sabia que tinha saído uma reportagem sobre mim na Folha da Tarde²⁶, mas eu não tinha tido ocasião de comprar o jornal e, quando eu estava lá treinando, eu vi que ele estava lendo, justamente esta reportagem sobre mim. Aí eu fui lá e perguntei para ele se eu podia, se ele me emprestava para eu ler, porque depois eu iria conseguir o jornal, aí ele disse que sim, ficou todo emocionado que dizia o título: “Elena Bins em Wimbledon”. Era sobre o tênis, era o tênis que na época eu tinha sido cogitada para ir jogar o juvenil em Wimbledon, mas também depois não saiu. E ali começou o nosso namoro. Então é uma parte assim, que no voleibol, para mim, foi muito importante e eu agora já fiz bodas de ouro.

K.D. – Ótimo novamente, muito obrigado.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

²⁶ Jornal de circulação em Porto Alegre, vinculado ao grupo Caldas Junior.